

# Cecília Meireles e sua atuação política na educação brasileira: literatura, jornalismo e feminino

*Cecília Meireles and his political action in Brazilian Education:  
literature, journalism and women*

**Nubea Rodrigues Xavier**

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Professora no Centro Estadual de Educação Profissional de Dourados. Mato Grosso do Sul – MS – Brasil  
[nubeaxavier@hotmail.com](mailto:nubeaxavier@hotmail.com)

**Magda Sarat**

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professora associada da Universidade Federal da Grande Dourados. Mato Grosso do Sul – MS – Brasil  
[mcsarat@gmail.com](mailto:mcsarat@gmail.com)

**Resumo:** O artigo é um recorte de tese de doutoramento e tem como objetivo compreender o contexto educacional brasileiro sob o viés literário e histórico, entre 1930 e 1940, período em que os processos de engajamento social feminino se refletem na figuração educacional e política do país, descrita na produção jornalística e literária de Cecília Meireles. Cecília publicou materiais pedagógicos como cartilhas e livros infantis, escrevendo diariamente no jornal *Diário de Notícias*, na seção Página de Educação, coluna Comentário, de 1930 a 1933, e posteriormente em 1941. Nossas fontes se pautaram nessas publicações, por ter embates, críticas, discussões e orientações aos educadores em defesa dos direitos da criança. Como resultado, almejamos compreender em que modo a literatura perpassa a produção escrita da autora, e quais as implicações a partir dos equilíbrios de poder existentes na figuração da política educacional brasileira.

**Palavras-chave:** Escrita literária. Educação. Relações de poder.

**Abstract:** This paper is a doctoral dissertation cut and aims to understand the Brazilian educational context, under the literary and historical bias, from 1930 to 1940. In this period, the processes of female social engagement are reflected in the educational and political figuration of the country, particularly described in the journalistic and literary production of Cecilia Meireles. This author published pedagogical materials such as booklets and children's books and wrote daily in the *Diário de Notícias* newspaper in the section Education Page, column Comment, from 1930 to 1933, and later in 1941. Our sources were based on these publications since they present discussions and guidance to educators in the defense of children's rights. As our final result, we aim to understand the ways in which literature has permeated the written production of this author and its implications, starting from the balance of power existing in the figuration of Brazilian educational policy.

**Key words:** Literary writing. Education. Power relations.

## Introdução

A autora Cecília Meireles foi educadora, professora universitária, poeta, folclorista, ensaísta, tradutora, escritora e jornalista, produzindo inúmeros editoriais em defesa da educação estética em início do século XX.

Por educação estética compreendemos a aplicabilidade dos valores morais à formação educacional, respeitando as peculiaridades infantis. Esse tipo de valorização, pautava-se numa educação laica e de defesa dos direitos educacionais das crianças, embasadas pelo Manifesto dos Pioneiros, consoantes aos ideais da Escola Nova.

Cecília Meireles, conforme matérias escritas para a coluna Educação, do jornal *Diário de Notícias*, da cidade do Rio de Janeiro – no período de 1930 a 1933, e em 1941<sup>i</sup> –, buscava romper com a ideia de padronização de ensino que existia na escola. Ela fazia uma abordagem científicista, amparada pela sua rede de amigos pensadores, escritores e filósofos, e preocupava-se com a relação existente entre a criança, a família e a escola. A partir dessa perspectiva, Cecília defendia uma escola laica, gratuita e se opunha às decisões do ministro da educação Francisco Campos e do Governo Getúlio Vargas<sup>ii</sup>, concretizando embates e disputas de poder, empreendidos principalmente pela sua produção jornalística e poética.

Respalhando a educação estética dessa autora, tivemos o Manifesto dos Pioneiros que foi um documento elaborado por 26 signatários – educadores, intelectuais, médicos, escritores, técnicos educacionais, artistas –, com destaque para Cecília Meireles, Monteiro Lobato, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Mário de Andrade<sup>iii</sup> que almejavam a elaboração de diretrizes e sistematização da educação brasileira. Tratava-se de uma busca, de uma revolução da educação, com ideias que disseminassem uma reestruturação das práticas pedagógicas e de infraestrutura escolar, valorizando a autoformação e a atividade espontânea da criança. A Escola Nova apresentou-se como um movimento de educadores e intelectuais que se pautavam nos pressupostos teóricos de John Dewey, opondo-se à escola tradicional, abarcando uma abordagem científicista legitimada naquele momento histórico.

Assim, a produção escrita sobre a educação daquele período busca elencar como Cecília Meireles descrevia a criança das primeiras décadas do século XX, dispondo suas convicções e perspectivas para os modos de ser criança e destacando como a literatura completava sua escrita. O objetivo desta pesquisa é identificar, na escrita desta escritora e poeta, como a literatura desencadeou uma função social e política na atuação educadora de Cecília Meireles e quais equilíbrios de poder foram possíveis ao colocá-la como engajada ou distanciada em relação às figurações sociais da educação brasileira. Para averiguação desses

pressupostos, nos pautaremos no material bibliográfico produzido por suas publicações jornalísticas no *Diário de Notícias*, no período de 1930 a 1933 e nas teorias sociológicas de Norbert Elias.

A pesquisa justifica-se por compreendermos que a formação profissional e literária da educadora Cecília Meireles incidiu em ideais educacionais para crianças. Por figuração relacional de poder entendemos que os indivíduos, ao fazer parte de redes sociais e com elas interagir, aprendem, ensinam, hostilizam e tomam decisões. Tais atitudes não são neutras, mas instituídas por interesses na relação de poder, pois cada ação interfere na vida privada e pública dos indivíduos determinando comportamentos, desejos, posturas e costumes. Assim nos apontou Elias (2011; 2003; 2000; 1980), ao buscar compreender como o indivíduo, em determinados períodos da história, “situa-se nas cadeias sociais de interdependência dos acontecimentos relativos exclusivamente a tais períodos na história” (LEÃO, 2007, p. 29), dispondo o processo histórico como dinâmico e repleto de tensões e conflitos.

Almejamos compreender como a escrita literária dessa autora se impôs perante os embates educacionais, e como as relações de poder se configuraram na formação da escola brasileira no início do século XX.

## 1 As figurações sociais e a literatura na vida de Cecília Meireles

Cecília Meireles teve a literatura como sua forma de se enxergar no mundo. “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta...”

Sua autobiografia *Olbinhos de gato*, publicada inicialmente como editorial numa revista portuguesa, no ano de 1939, e posteriormente editada como livro na década de 1980, retrata, desde 1901, ano de seu nascimento, uma infância solitária, introspectiva, cheia de angústias e tristezas, em meio a um sentimento de pequenez pelo qual ela se enxergava: “*Olbinhos de gato* perde a vontade de ouvir, e — vai andando pra longe, com seus cacos e seus pedaços de concha!” (MEIRELES, 1983, p. 19).

Desde muito pequena, Cecília destacou-se na arte de escrever. Aos nove anos recebe das mãos de Olavo Bilac, “sua primeira medalha de mérito pelos versos escritos” (YUNES; BINGEMER, 2003, p. 115). Foi aluna exemplar, concluindo o curso primário em 1910.

Na fase da adolescência, formou-se como professora na Escola Normal Superior, “aos dezesseis anos já é mestra alfabetizadora e estuda línguas, cultura oriental e canto,

enquanto escreve seu primeiro livro de poesias *Espectro*, editado em 1919” (YUNES; BINGEMER, 2003, p. 115, 116).

Cecília amparava-se nessas instruções enquanto defensora da Escola Nova. Desde então já promovia discursos e saberes que envolviam essa temática e as infâncias.

Enquanto jornalista, trazia à tona a escolha inadequada dos representantes escolhidos para avaliação, pela forma como estes faziam suas análises em uma única perspectiva, abordando critério humanístico religioso, desconsiderando o científico e filosófico. Uma sua faceta pouco estudada e explorada pela crítica é a de cronista, em que opina, dialoga, critica e se posiciona politicamente em relação à ditadura de 1930 a 1933, insurgindo-se contra um populismo autoritário e defendendo uma escola nova para a constituição de uma república efetivamente democrática.

Em 1934, Cecília funda, no Rio de Janeiro, com a ajuda de Anísio Teixeira, a primeira biblioteca infantil, intitulada Centro Infantil no Pavilhão Mourisco, demonstrando seu profundo interesse pelas temáticas que envolviam o aprendizado das crianças. No entanto, “graças às perseguições políticas, o espaço foi fechado por Getúlio Vargas. Como justificativa, alegou-se que a biblioteca possuía obras que atrapalhavam a formação das crianças” (SILVA, 2015, p. 14). A suspeita era de que Cecília tinha livros comunistas.

No ano seguinte, a Academia Brasileira de Letras lança um concurso de poesia, e Cecília, com o seu livro *Viagem*, venceu o concurso sobrepondo-se aos demais 29 livros avaliados. Segundo um dos avaliadores, Cassiano Ricardo, Cecília, “desloca o julgamento para um plano tão alto que os demais concorrentes só puderam ser considerados pelo contraste, e não pelo confronto” (LÔBO, 2011, p. 63). Todavia, novamente, a poeta e autora passa por impasses sobre sua produção.

Além desse fato inoportuno, Cecília não pôde realizar seu discurso de oradora, tal como gostaria, porque havia uma “censura acadêmica”. Inicialmente, ela se dispôs a adequar seu discurso, porém, ao perceber que se tratava de algo além dos preâmbulos políticos, declina de fazê-lo.

Cecília e seus amigos intelectuais acreditavam que a Revolução de 1930 traria uma nova política educacional. No entanto, eles tiveram uma grande decepção com esse novo regime político, sob o governo de Getúlio Vargas, ao ver a nomeação de Francisco Campos para o Ministério da Educação e Saúde implantar ações retrógradas, dentre elas, o ensino religioso escolar. Mesmo diante dessa circunstância, Cecília e esses intelectuais se fortaleciam formando uma rede de relações, em que ela, mais do que todos, sustentava ideias inovadoras para a educação – o escolanovismo. A escritora, por meio da literatura, valorizava os

conhecimentos das crianças, percebendo-as como sujeitos sociais. Nessa perspectiva, suas crônicas jornalísticas apresentavam conotação política e social.

A partir das suas publicações jornalísticas, consideramos que Cecília subverteu as normas de seu tempo, ao se colocar de maneira incisiva e resistente ao contexto de dura repressão, equilibrando-se com as estratégias de poder do governo, já que a consolidação desse poder se fazia com uma forte construção ideológica sobre nacionalidade, e com a identidade brasileira, ancoradas em teorias de segregação racial.

Dessa maneira, Cecília colocava-se à altura das exigências do respeito intelectual, ao demonstrar sua produção em um material extenso e aprofundado sobre suas idealizações de educadora e mulher.

## **2 A escrita literária e jornalística de Cecília Meireles: as relações de poder no cenário político educacional**

Cecília Meireles foi uma defensora da infância e da coeducação<sup>iv</sup>. Concomitantemente à sua atuação literária enquanto escritora, poeta e artista, escreveu matérias também como educadora e professora universitária, diariamente – no período de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933 –, na coluna Comentário, seção Página de Educação, do *Diário de Notícias*.

Sua produção escrita não desvincula-se do estilo literário: suas crônicas jornalísticas traziam em seu bojo a valorização da literatura como possibilidade de interpretação da realidade, para que se percebesse a criança como protagonista social, tendo seu conhecimento respeitado, não pela perspectiva do adulto, mas pela ótica do seu tempo de infância. Assim, considerava que a educação poderia ter uma função política, percebendo as diferenças e respeitando as diversas identidades da infância, independentemente da classe social ou da religião.

Por conta disso, Cecília teve sua trajetória de professora marcada por represálias e imposições relacionados ao seu exercício profissional, por colocar sua perspectiva poética e artística em sua compreensão de mundo e de educadora. Dona de vasto conhecimento, ela transitava entre intelectuais, poetas, escritores, artistas e burocratas educacionais. Acreditava que a educação deveria ter uma diretriz e sistematização, e concretizava tal compreensão a partir de suas publicações nos jornais esclarecendo e ampliando as discussões e ações sobre a temática. Seus pressupostos educacionais acabaram por se contrapor ao governo Getúlio Vargas.

A periodista e educadora, por sua vez, não deixou de se colocar frente a esses acontecimentos. Inicialmente, com as propostas da Revolução de 1930, se pôs a favor desses ideais “a Revolução, que neste momento acaba de transformar o Brasil numa formidável esperança para o mundo inteiro, traz no programa grandes nomes que a encaram, todas as características de um movimento significativamente educativo” (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 120). Dessa forma, essa notícia foi remetendo outras com temáticas tais como: “As crianças e a revolução”; “Educação e revolução”; “Política e pedagogia”; “Educação artística e nacionalizadora”; “O momento educacional”; “A responsabilidade da revolução”, entre outras (LÔBO, 2011, p. 33).

Sucessivamente, com as decisões do então ministro da educação, Francisco Campos, ao colocar-se a favor dos conservadores, a jornalista rebelou-se e fez da sua coluna uma estratégia de oposição ao governo Vargas. Uma delas foi colocar-se a respeito da aprovação do “Decreto nº. 19.941, de 30 de abril de 1931, que instituía o ensino religioso nas escolas públicas”, acabando por tecer duras críticas, expondo a necessidade de se respeitar o princípio de laicidade do ensino imputado pelos educadores da Escola Nova.

Para a educadora, a escola deveria respeitar todas as outras formas de crenças e religiões, principalmente por se tratar da instrução e formação da criança. Não aceitava que a religião estivesse acima do cientificismo.

Em janeiro de 1933, por pressões políticas, a jornalista deixou de realizar suas publicações “por desencanto e por cansaço diante do conservadorismo sempre em oposição às ideias renovadoras” (AZEVEDO FILHO, 2001, p. 18), pois o jornal também sofreu perseguições políticas e Cecília cessou de escrever em 1933, retomando essa atividade somente em 1941. Com essas perseguições políticas, volta-se a outras frentes de trabalho. Esse tipo de repreensão demonstrava o quanto a oposição de Cecília, com suas publicações, surtia efeitos contrários ao que os reformadores educacionais defendiam como mudança social. Cecília, antes da ascensão de poder de Vargas, acreditava nos ideias de transformação da educação, bem como nas propostas sugeridas por Fernando de Azevedo. Todavia, quando Vargas se coloca a favor dos interesses da Igreja e inicia um governo autoritário, e Francisco Campos (Ministro da Educação) se pauta em adequar as reformas, voltando-se a uma perspectiva científica e de construção de edifícios escolares— e não às necessidades dos alunos, professores e família —, ela se coloca em oposição a esses procedimentos utilizando como armamento social, seu intelecto.

Nessas relações de poder, ocorre, em 1932, o lançamento do *Manifesto dos Pioneiros*, tornando a escrita de Cecília ainda mais inserida num limiar entre suas defesas educacionais

e os conflitos políticos, o que a tornou uma jornalista incompreendida em seu tempo: “sua trajetória permeava as linhas demarcatórias do espaço social, trilhando caminho não convencional, sem se enquadrar nos cânones da cultura oficial. Desse modo, foi motivo de indiferença, de resistência e de perseguição” (RAMANZINI, 2014, p. 77-78). Suas matérias enfatizavam a valorização e utilização do folclore e da tradição popular como temáticas relevantes ao aprendizado da criança, e defendiam uma nova metodologia educacional, valorizando a sensibilidade e a inspiração infantil.

Azevedo Filho, organizador das publicações jornalísticas de Cecília, afirma que a autora impunha críticas à educação de maneira contundente, com preocupação com a formação da criança “[...] a partir do respeito à personalidade do aluno, em todas as fases de formação e em todas as idades do seu crescimento e desenvolvimento” (AZEVEDO FILHO, 2001, v.1, p. 17).

Em meio às pressões e imposições políticas, em 1936, Cecília Meireles vai para Portugal. Lá, seu amigo Álvaro Pinto, proprietário da *Revista Ocidente*, solicita que ela publique seus poemas e suas memórias de infância que, posteriormente, seriam editadas no Brasil, como *Olhinhos de gato*.

Em 1941, a autora retomou suas publicações na Página da Educação do jornal *A Manhã*, reiterando na seção Professores e Estudantes, a valorização dos professores e do folclore infantil nas aulas práticas, além de defender as reformas educacionais.

No ano de 1946, tem-se o fim da ditadura Vargas, a sociedade inicia uma mobilização em busca de um desenvolvimento em várias áreas. Com esse novo contexto político, tanto a educação quanto os interesses voltados à emancipação feminina alcançam novas aberturas sociais.

No final da década de 1940, Cecília profere “três conferências em Belo Horizonte, no curso de férias promovidas pela Secretaria de Educação” (MEIRELES, 2016, p. 9) sobre literatura infantil, resultando na publicação do livro *Problemas da literatura infantil*, em 1951, obra que orientava como e o que escrever para criança, para que educadores soubessem utilizar corretamente os conhecimentos aplicados à valorização da criança.

Cecília, em 1951, aposenta-se como diretora de escola, mas continua trabalhando no Rio de Janeiro como produtora e redatora de programas culturais, na Rádio Ministério da Educação. Sua preocupação, durante todos esses anos, só aumentava em relação aos rumos da educação das crianças. Em 1953, lança o *Romanceiro da Inconfidência* que:

[...] reescreve o episódio da insurreição da província mineira que custou a vida de mártires da pátria no século XVIII, Cecília recompõe a cena, os bastidores e o palco do evento com invejável domínio de fatos e das

imagens com que o projeta na literatura. (YUNES; BINGEMER, 2003, p. 119).

Durante a elaboração dessa obra, fez uma “investigação, revirando, ao longo de meses e meses, documentos que iam da filosofia a política, com leituras de Rousseau, Voltaire, Montesquieu, entre dezena de outros” (GOUVÊA, 2008, p. 97). Além dessa obra, também publica *Batuque*, *Poemas escritos na Índia*, *Poemas italianos*— todos em 1953; *Pequeno Oratório de Santa Clara*, *Pistóia*, *Cemitério Militar Brasileiro* e *Panorama Folclórico de Açores*, no ano de 1955; *Canções*, *Giroflé*, *Giroflá* e *Romance de Santa Cecília*, no ano de 1956.

Uma das últimas publicações em vida foi em 1964, ano de sua morte, a obra *Escolha o seu sonho* e o livro de poesias *Ou isto ou aquilo* com temáticas exclusivas ao público infantil, dentre eles os poemas “O menino azul” e “Os pescadores e suas filhas”.

Pontuamos que não foi somente na literatura que Cecília se desnudou para mostrar seus sentimentos, angústias, emoções; sua escrita jornalística também trazia a literatura como essência, concretizando seus desejos e intenções para a formação estética da criança “e, afinal o sentido da educação é o de prover o homem das forças que lhe sejam necessárias para essa realização de si mesmo” (MEIRELES, 2001, v. 4, p. 68); defendeu práticas, teorias e posturas que imbuíssem uma maior aproximação ao mundo infantil. Essas abordagens em defesa da educação e da criança atingiam tanto os burocratas educacionais, como as educadoras, os inspetores, os dirigentes escolares, a igreja e as famílias.

Ao dispor dados biográficos sobre a vida pessoal, profissional e acadêmica dessa autora, queremos demonstrar o quanto sua atuação de escritora, poeta e artista perpassaram as demais figurações aos quais ela esteve envolvida. Seus princípios e percepção poética não deixaram de transparecer em sua inserção política educadora, o que a colocou em momentos de engajamento ou distanciamento social sobre os fatos políticos e sociais, demonstrando o quanto sua escrita foi preponderante para defender seus ideias e princípios sobre a criança e a menina no início do século XX.

### **Algumas considerações à guisa de conclusão**

Verificamos que Cecília Meireles se ampara na idealização de uma voz própria para conseguir se expressar e delimitar sua posição enquanto mulher e educadora, no seu contexto social e histórico, como nos demonstram os equilíbrios de poder que ela vivenciou durante sua trajetória pessoal e profissional.



Mediante o exposto, queremos atentar que sendo ela mulher, poeta e jornalista, sua postura enquanto educadora se desenrolava em espaços de poder, em uma linha de oposição aos órgãos governamentais e diretamente com o secretário de educação.

Nesses termos, as figurações sociais foram determinadas pela participação e vinculação da mulher, independentemente de ser mulher ou de sua escrita feminina, com Cecília tendo função importante dentro do Manifesto dos Pioneiros e da proposta da Escola Nova. Ela oferecia tanta imposição aos órgãos educacionais, que em 1933 sua coluna deixou de ser publicada.

Assinalamos que, no jornal, Cecília traçava diálogos com os educadores, intelectuais e a comunidade leitora, fazendo denúncias, críticas, além de posicionar-se contrária às decisões políticas e educacionais da época em relação à mulher e à criança.

Cecília buscava promover entre os educadores a compreensão de uma educação estética, onde a literatura possibilitasse a significação, além da escola, em transcender as práticas mecânicas de saber ler, escrever e contar “a preocupação de instruir, que até bem pouco dominava a de educar, a ansiedade dos pais também mal orientados, querendo a todo o transe que os filhos soubessem ler e escrever.” (MEIRELES, 2001, v.4, p. 25).

Seguindo as perspectivas eliasianas, queremos pontuar que a autora conseguia transitar em espaço, majoritariamente masculino, em meio a pensadores, burocratas e políticos, colocando-se como *estabelecida*. Se em determinado período, a jornalista ficou impossibilitada de publicar suas matérias, entre 1941 e 1943 teve novamente condições de continuar com suas críticas, desta vez no jornal *A Manhã* – seção Professores e Estudantes – pontuando sobre a valorização dos professores, sobre folclore infantil, além das defesas quanto às mudanças educacionais. Para ela, a implantação da Reforma Fernando de Azevedo, apesar das inúmeras imperfeições, conseguiu “estimular as forças vividas do magistério; trouxe uma esperança nobre para os que se iam finando, desiludidos, na sombra do regime antigo.” (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 111).

A atuação da autora, enquanto mulher, não se coloca como menor ou sem significância nas redes de interdependência social ao qual estava vinculada. Sua produção jornalística como *estabelecida* nos indica que, em dado contexto sócio-político, Cecília pôde sentir-se inserida, obtendo resultados com suas reivindicações. Porém, em outro, foi colocada de maneira distanciada, isolada, como foi o caso de quando a pressionaram para que parasse de publicar suas matérias no jornal ou quando fecharam a biblioteca infantil pela qual era responsável. Para Elias (2000), a sociedade não é elaborada somente por uma hierarquização de gênero, em que o masculino se sobrepõe ao feminino: as relações entre

homens e mulheres se concretizam também por estruturas de poder, que se equilibram numa balança relacional de poder.

Como educadora, Cecília Meireles almejava um espaço social para a criança, como aquele pertencente a direitos, e respeitado a partir de suas peculiaridades. E mais: atuava enquanto escritora, jornalista e poeta perpetuando seus ideais em meio às redes de interdependência, trazendo à tona as sujeitas femininas das diversas infâncias de sua autobiografia, como também daquelas de suas matérias jornalísticas que atuavam com a educação e instrução das crianças.

As publicações no *Diário de Notícias* deixavam nítidas as inúmeras figurações das quais Cecília Meireles participava e atuava enquanto educadora e mulher, alcançando um patamar de equilíbrio com homens. Sua escrita composta por ímpeto e indignação em relação às ações governamentais daquele período, demonstrava os embates e disputas sobre os encaminhamentos para a educação de crianças.

Cecília teve em seus escritos sobre educação muita desenvoltura, não somente pela experiência como professora de criança, mas também por expor as mazelas e deficiências escolares, escrevendo sobre as lacunas entre os interesses das crianças e a realidade pedagógica concreta, sobre as práticas ou métodos incoerentes dos professores e sobre a necessidade de valorização da infância.

Ela argumentava de modo perspicaz e fundamentado sobre a criança, não como o adulto a compreendia, mas sobre a criança como sujeito social, dentro de uma percepção educadora. Como jornalista, suas inúmeras colunas no *Diário de Notícias* expressam a situação nas escolas, não atenuando as problemáticas que envolviam a atuação de professores, dos dirigentes, dos secretários educacionais, dos prédios escolares, dos pais ou responsáveis, e dessa forma escrevia sobre suas inquietações, apontava instruções, orientações e tecia críticas que eram lidas por mães, pais, educadores, crianças e responsáveis políticos.

Nesse campo jornalístico, Cecília tentou reaver as compilações da professora primária que a incentivou a estudar o folclore brasileiro, as considerações poéticas e literárias de seu educador Olavo Bilac, colocando suas impressões da formação de aluna e normalista como pontos cruciais na sua produção feminina e intelectual. Almejava e conduzia sua carreira poética, literária e jornalística sem desvencilhar-se de sua individualidade e liberdade para se colocar como difusora de novas posturas e comportamentos.

Publicando e escrevendo, Cecília traçou propostas, projetos e interveio no campo educacional brasileiro. Mesmo sem considerar-se feminista, escrevia e defendia a qualificação, a valorização, a instrução, a formação e a independência da mulher. Sem

colocar-se religiosa, escrevia e defendia uma proposta ecumênica de fraternidade e amor universal. E na educação, sua pauta era liberdade, respeito, ludicidade e cientificidade.

Cecília Meireles foi transgressora, singular e determinada em sua atuação: elaborou uma infinidade de crônicas, livros, materiais didáticos, artísticos, poéticos, educacionais, e ainda uma produção jornalística, editada diariamente, entre 1930 e 1933, quando foi editora chefe.

Na teia configuracional que estava inserida, suas produções a faziam oscilar entre estar em evidência ou ser silenciada. Intelectuais, jornalistas, artistas, escritores, editores de revistas no Brasil e outros países como Portugal, Estados Unidos, Chile ou Índia, além de vários outros da América Latina, viam-na como uma personagem forte e indispensável para a literatura e educação tanto brasileira como estrangeira – tal situação foi demonstrada em palestras realizadas em Portugal nos anos 1930.

Nas figurações educacionais, podemos inferir que as redes de interdependência, às quais esteve vinculada, sua escrita literária e sua individualização auxiliaram-na colocar-se como *estabelecida* em certos momentos políticos.

Cecília teve em seus escritos sobre educação muita desenvoltura, não somente pela experiência como professora de criança, mas por expor as mazelas e deficiências escolares: apontava as lacunas entre os interesses das crianças e a realidade pedagógica concreta, escrevendo sobre as práticas ou métodos incoerentes dos professores e pontuando a necessidade de valorização da infância e não daquilo que o adulto compreendia como infantil.

Podemos dizer que foi uma escritora de várias facetas, todas elas sem desvincular-se da sua estética poética, dispondo-a nos modos de compreender a criança e a sua educação, propondo a compreensão das artes e da literatura como proposta de formação para a vida.

## Referências

AZEVEDO FILHO, Leodegário. A. Prefácio. In: *Cecília Meireles: crônicas da educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, v. I, II, III, IV, 2001.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2003.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FELGUEIRAS, Margarida. A escola pública em Portugal (Séc. XVIII-XX): problemas em debate. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. São Paulo: Autores Associados, 2005, p. 109-141.

GOUVÊA, Leila Vilas Boas. *Pensamento e "lirismo puro" na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.

LEÃO, Andrea Borges. *Norbert Elias e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2011.

MEIRELES, Cecília. *Viagem*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

\_\_\_\_\_. *Olbinhos de gato*. São Paulo: Moderna, 1983.

\_\_\_\_\_. *Cecília Meireles: crônicas da educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, vol. I, II, III, IV, 2001.

\_\_\_\_\_. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

RAMANZINI, Isis Cristina. Paratopia criadora: Cecília Meireles, uma escritora atuante no cenário educacional. *Revista L@el em (Dis-)curso*. v. 6, n. 2, p. 72-83, 2014.

SILVA, Roberta Donega. *Serenas e desesperadas: representações femininas na obra poética de Cecília Meireles*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015.

YUNES, Eliana Lucia Madureira; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Adélia Prado, Hannah Arendt, Cecília Meireles, Teresa Ávila e Simone Weil: mulheres de palavra*. São Paulo: Loyola, 2003.

## Notas:

---

<sup>i</sup>Essas produções jornalísticas foram compiladas em *Crônicas de educação*, organizada em quatro volumes por Leodegário A. de Azevedo Filho.

<sup>ii</sup>Francisco Campos realizou uma reforma educacional que defendia a aplicação do ensino religioso nas escolas públicas. Tal ação fez com que Cecília Meireles tecesse duras críticas à sua atuação.

<sup>iii</sup>Monteiro Lobato – escritor e editor brasileiro de obras infantis, dentre elas, *O Sítio do Pica-pau Amarelo*. Anísio Teixeira – educador brasileiro que implantou, nas décadas de 1920 e 1930, um novo modelo e formato de educação pública e gratuita no Brasil (difundido pelos pressupostos de John Dewey), foi educador, ensaísta, sociológico, professor e diretor universitário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), reformador da instrução pública do Distrito Federal, entre os anos de 1927 e 1930. Mário de Andrade – escritor brasileiro que exerceu importante papel na consolidação do Movimento Modernista no Brasil.

<sup>iv</sup>Coeducação seria o educar em conjunto meninos e meninas. Nesse período, as meninas não tinham assegurado seu direito de ir à escola, e este seria um dos requisitos do Manifesto dos Pioneiros. Segundo Felgueiras, a educação das meninas deveria prepará-las para melhor desempenhar as tarefas domésticas e do governo da casa, para ser as primeiras educadoras dos filhos e companhias agradáveis para os maridos. Esta educação, nas famílias de estrato social alto, estava tradicionalmente a cargo das preceptoras; nas de estrato mais baixo, com as mães ou em casas de terceiros, onde muito cedo iam trabalhar. Educação era assunto reservado às mulheres, onde apenas interferiam as orientações religiosas e, posteriormente, as médicas (FELGUEIRAS, 2005, p. 124).

<sup>v</sup>Norbert Elias (2000), no estudo *Os estabelecidos e outsiders*, colocou como ponto central o tempo e as relações de poder numa comunidade. A análise feita pelo autor supera as dicotomias do pensamento sociológico na formação da sociedade humana. Ao designar um grupo como *outsiders*, descreve que se trata de indivíduos excluídos e percebidos como inferiores dentro do seu próprio grupo – por não serem observantes das normas e regras sociais impostas. Os *estabelecidos* são aqueles que mantêm superioridade social e excluem os demais dentro de um mesmo grupo social.

recebido em 05 out. 2018 / aprovado em 21 nov. 2018

Para referenciar este texto:

XAVIER, N. R.; SARAT, M. Cecília Meireles e sua atuação política na educação brasileira: Literatura, Jornalismo e Feminino. *Dialogia*, São Paulo, n. 30, p. 71-83, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n30.10669>>